

**PERÍFRASES COM GERÚNDIO E COM INFINITIVO PREPOSICIONADO:
REVISITANDO UM DOS ASPECTOS DA HIPÓTESE CONSERVADORA DA
FORMAÇÃO DO PB¹**

Lelia Alves de Oliveira²

Resumo

Este trabalho objetivou investigar o uso de perífrases verbais com gerúndio e com infinitivo preposicionado em textos autênticos, não literários, produzidos entre os séculos XVI e XX em Portugal, e entre os séculos XVIII e XX no Brasil. Observou-se sua ocorrência e frequência, de maneira a reunir dados que possibilitassem argumentar a favor ou contra o que defende a hipótese conservadora, ao afirmar que o uso da perífrase com gerúndio é uma herança do Português Arcaico que perdura no Português Brasileiro. Pretendeu-se, ainda, observar as transformações ocorridas no Português Europeu (PE) e no Português Brasileiro (PB), principalmente em relação a aspectos inovadores da variedade brasileira, considerando sua evolução. Como referencial teórico, foram revisitados os postulados de alguns defensores da hipótese conservadora, como Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Volker Noll. A análise das ocorrências encontradas indicou que já se fazia uso da perífrase com gerúndio no século XVI, e que tal uso veio a ser substituído em PE, séculos mais tarde, pela perífrase com infinitivo preposicionado, enquanto em PB seu uso se manteve, confirmando um dos pressupostos da hipótese conservadora.

Palavras-chave: Hipótese conservadora. Perífrase com gerúndio. Perífrase com infinitivo preposicionado. Português Brasileiro. Português Europeu.

Abstract

This essay aimed to investigate the use of verbal periphrases with gerund and with prepositional infinitive, in authentic non-literary texts produced between the 16th and 20th centuries in Portugal, and between the 18th and 20th centuries in Brazil. Their occurrence and frequency were observed in order to collect data that would make it possible to argue for or against what the conservative hypothesis defends, i.e that the use of periphrasis with gerund is an inheritance of Archaic Portuguese that persists in Brazilian Portuguese. Furthermore, it was intended to observe the transformations that occurred in European Portuguese (PE) and Brazilian Portuguese (PB), mainly in relation to innovative aspects of the Brazilian variety, considering its evolution. As a theoretical reference, the postulates of some proponents of the conservative hypothesis, such as Serafim da Silva Neto, Celso Cunha and Volker Noll, were revisited. The analysis of the occurrences collected indicated that periphrasis was already used with gerund in the 16th century, and that this use was replaced in PE, centuries later, by the periphrasis with prepositional infinitive, while in PB its use was maintained, confirming one of the assumptions of the conservative hypothesis.

Keywords: Conservative hypothesis. Periphrases with gerund. Periphrases with prepositional infinitive. Brazilian Portuguese. European Portuguese.

¹ Artigo resultante do Trabalho de Curso realizado sob a orientação da profa. Esp. Isabel Cristina Alvares de Souza, como exigência parcial para a obtenção da graduação em Letras – Licenciatura Português/Inglês do Centro Universitário Padre Anchieta, submetido a banca examinadora e aprovado em 2016.

² Graduada em Letras pelo Centro Universitário Padre Anchieta. Contato: lelia.oliveira.jnd@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

As diferenças entre o Português Brasileiro (PB) e o Português Europeu (PE) têm sido abordadas por diversos estudiosos da linguagem, em trabalhos sobre os aspectos fonético-fonológico, morfológico e/ou sintático. Mesmo com o advento dos acordos ortográficos, que objetivam instituir uma ortografia unificada da Língua Portuguesa, ainda se percebe estigmatizada a variedade brasileira, como se tivesse se desvirtuado da “matriz” europeia.

Dentre os estudos e as hipóteses que tentam explicar a diferença entre o PB e o PE, está a hipótese conservadora/arcaizante, que defende que grande parte das diferenças entre as duas vertentes do português se deve ao fato de que o primeiro conservou aspectos do Português Arcaico (PA), ao passo que o segundo teria inovado em relação a esses aspectos. Essa hipótese tem sido defendida e estudada por muitos pesquisadores, dentre os quais se destacam Serafim da Silva Neto, pioneiro na área de dialetologia no Brasil, que se concentrou no estudo dos aspectos fônicos e lexicais do português e contribuiu com vasta obra na área, incluindo-se *Introdução aos estudos da língua portuguesa no Brasil* (1950) e *História da Língua Portuguesa*, publicada entre 1952 e 1957, com uma segunda edição ampliada em 1970, que conta com maestria a história e cultura da língua, reunindo intensa pesquisa, análise de documentos e interpretações pessoais do autor. Outro nome importante é o de Celso Cunha, que no ensaio *Conservação e inovação no português do Brasil*, publicado em 1986 na revista literária *O eixo e a roda*, privilegia os aspectos sintáticos.

Entre as diferenças do PB para o PE que sustentam a hipótese, aponta-se o uso das perífrases verbais relativas ao aspecto verbal durativo, que no PB se constroem com o verbo auxiliar mais o gerúndio (p. ex. estar fazendo), e que no PE se constroem com o verbo auxiliar mais o infinitivo preposicionado (p. ex. estar a fazer). Cunha (1986) e Noll (2008) afirmam que a perífrase usada no Brasil configura um aspecto conservador da língua, pois já era usada no Português Arcaico, ao contrário da forma padrão comum em Portugal, que só passou a ser usada em finais do século XVIII e começo do XIX.

A partir dessas premissas e pressupostos, pretende-se, por meio da investigação de extensa literatura que versa sobre a questão da hipótese conservadora/arcaizante do PB, juntamente à análise quantitativa e qualitativa de ocorrências coletadas de um conjunto de textos produzidos entre os séculos XVI e XX, tanto no Brasil quanto em Portugal³, verificar o

³ O *corpus* deste trabalho compõe-se de textos autênticos, excluindo-se textos literários. Essa limitação de escopo decorre do fato de que os textos literários apresentam em sua tessitura o trabalho mais criativo com a

uso das perífrases com gerúndio e com infinitivo preposicionado, observando suas ocorrências e suas frequências, de maneira a reunir dados que possibilitem argumentar a favor ou contra a afirmação de que o uso da perífrase com gerúndio é realmente uma herança do Português Arcaico que perdura ainda hoje no PB. Objetiva-se, ainda, contrastar o uso de ambas as perífrases para argumentar a respeito das transformações que ocorreram na evolução do PB, especialmente no que tange aos aspectos e traços tidos como inovadores ou conservadores, considerando o seu desenvolvimento diacrônico. Dessa forma, pretende-se olhar as diferenças entre PB e PE com uma lente mais neutra e objetiva, por meio de pesquisa que não apenas exponha as diferenças entre as vertentes, mas que também privilegie a análise de documentos e textos de época acerca da constituição e organização de ambas as línguas, tanto em relação ao aspecto sintático em estudo, quanto em relação ao aspecto semântico relativo à formação dessas perífrases. Objetiva-se, assim, investigar e revisar no interior da hipótese conservadora/arcaizante um dos aspectos que a sustentam e a legitimam.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Muitas particularidades do Português Brasileiro (PB) foram explicadas, em um primeiro momento, como influências das línguas dos povos que aqui habitavam (línguas ameríndias), e posteriormente, das línguas africanas. Entretanto, alguns filólogos brasileiros procuraram diminuir um pouco o impacto das línguas indígenas e africanas sobre as diferenças do português do Brasil em relação ao português europeu, analisando a questão por outro viés. (SCHERRE; NARO, 2007). Serafim da Silva Neto foi um dos primeiros a propor uma tese do conservadorismo, conjugando dados históricos e etnográficos, objetivando corrigir as distorções e apontar novos rumos ao estudo do tema. A partir de sua obra, Celso Cunha (1986) também estudou e analisou a variedade brasileira da Língua Portuguesa, mas, diferentemente de Silva Neto, que se concentrou em aspectos de ordem fonético-fonológica, Cunha se propôs a estudar também os aspectos sintáticos da língua, elencando alguns dos fatos de morfossintaxe considerados conservadores. Scherre e Naro comentam (2007, p. 115):

Na linha do princípio uniformitarista — explicitado em Christy (1983: ix, apud Labov, 1994:21) — de que “o conhecimento de processos que operaram no passado pode ser inferido pela observação de processos em andamento no presente”, estamos usando fatos do presente [...] para projetar estruturas que certamente ocorreram no passado [...].

linguagem, acarretando maior liberdade quanto ao estilo e ao tratamento dado à linguagem, o que poderia influenciar os resultados, pois os traços analisados em determinado texto poderiam enquadrar-se mais ao aspecto estilístico, intrínseco ao autor, do que a um registro do uso corrente da língua da época.

Desta maneira, seria possível inferir a deriva do PB a partir de resquícios de seus antepassados linguísticos, tendo como contraponto estudos variacionistas sincrônicos.

Outra teoria que também contribuiu para a tese do conservadorismo do PB é a teoria da deriva linguística, noção que surgiu com Edward Sapir, que observou:

[...] a língua se move ao longo do tempo num curso que lhe é próprio. Tem uma deriva. [...] Embora não percebamos, nossa língua tem uma inclinação [...] as mudanças dos próximos séculos estão em certo sentido prefiguradas em certas tendências não perceptíveis no presente (SAPIR, 1921, p. 150; 155 apud SCHERRE; NARO, 2007, p. 26).

Scherre e Naro (2007) destacaram que os colonizadores portugueses não falavam a variedade padrão da língua da época, mas uma variedade permeada por dialetos e que já possuía “as sementes da variação”, com algumas características que vieram a se intensificar no Brasil ao longo de sua história. Eles verificaram que certas características de uso comum no PB já existiam em Portugal antes do período da colonização, perdurando ainda nos dias de hoje em regiões rurais onde se encontram variedades sem prestígio, diferentes do PE padrão.

Um argumento que corrobora a hipótese do conservadorismo é o fato de que não foi apenas o PB que apresentou traços de estagnação. Cunha (1986) equipara a estagnação ocorrida com o PB e a do castelhano das diversas colônias espanholas da América Latina. Sobre a chegada do português e do castelhano à América, Queriquelli (2012) menciona que ambas as línguas encontraram um contexto totalmente novo e radicalmente diferente ao serem transplantadas. De acordo com o autor, enquanto ambas as línguas vinham sofrendo mudanças ao longo do tempo em solo europeu, no novo continente, tanto uma quanto outra estagnaram, justamente pela necessidade de adaptação às novas condições, e essa hipótese, de acordo com ele, foi formulada e proposta de modos variados por diferentes autores.

Serafim da Silva Neto foi um deles, argumentando com aspectos relativos ao isolamento geográfico e cultural; segundo ele, as mudanças no idioma teriam estacionado em relação à língua de origem devido ao transplante para o novo contexto (desarraigamento da língua; fratura na transmissão linguística). Em sua deriva no novo ambiente, formaram-se ilhas de estagnação (arcaizantes):

Tais áreas arcaizantes estão muito afastadas dos grandes centros, já por causa de obstáculos naturais: um rio, uma cadeia de montanhas, já por falta de comunicações. Há lugares que nunca viram um automóvel! Portanto o *isolamento* facilitou a *estagnação* da língua, mantendo-se, pelo Brasil adentro, verdadeiras *ilhas culturais*. Algumas têm, até, caráter especialíssimo, extra-romântico. [...] Confirma-se, pois, o princípio de que as áreas mais isoladas são mais arcaicas. [...] A língua é uma sucessão de fases, de continuidades: cada fase é resultante das anteriores. Ora, viajando para o Brasil, o português foi desarraigado. Provocou-se, desse modo, um

desengranzamento de sincronias, do que resultou a *ossificação* do idioma. Houve, em suma, *uma fratura na transmissão linguística*. Essa fratura foi menor no litoral e muito maior no interior... (SILVA NETO 1977, p. 188-189; grifos do autor).

Essa língua construída no Brasil, até se estabelecer e alcançar gerações de falantes, teve seu desenvolvimento comprometido em relação à língua que continuou seu curso normal na Europa, conservando traços do português quinhentista. Cunha (1986), ao se posicionar sobre as condições socioculturais mais propícias à conservação do que à renovação, argumenta:

Tendo vivido mais de trezentos anos sem contacto com outros povos, sem imprensa, sem núcleos culturais de importância, com um número exíguo de escolas, a América Lusitana foi alcançando nesse largo período algumas das etapas que levam os povos aos estados linguísticos paralisantes. (p. 202-203).

Ataliba de Castilho (1999) trata a questão do conservadorismo como uma hipótese interpretativa do PB, apresentando duas posições opostas que procuram interpretá-lo ora como uma modalidade conservadora, mantendo aspectos do português trazido pelos colonizadores, ora como uma modalidade inovadora, por se afastar do PE. Cunha (1986) também aborda esse caráter conservador e inovador da língua, informando que no período de gestação dos traços mais marcantes de nossa fala, nos séculos XVI e XVII, vieram para o Brasil indivíduos de diferentes partes de Portugal, cuja fala, própria de seu tempo, tinha marcas mais conservadoras ou inovadoras, conforme sua origem, o Norte mais conservador ou o Sul mais inovador, que já representava um modelo seletivo em expansão, com o objetivo de eliminar toda e qualquer marca de regionalismo.

Sobre a neutralidade das categorias de arcaicidade e inovação, sujeitas a referências no espaço e no tempo, e como isso se aplica ao PB desde o século XVI, Noll (2008) afirma:

Arcaicidade e inovação são categorias neutras, dependentes de uma variedade de referência que se orienta idealmente por alguma norma linguística. Para o português europeu, tradicionalmente, é a linguagem da metrópole no território entre Coimbra e Lisboa que exerce adequadamente essa função com relação à expansão colonial. Assim, comparam-se, na perspectiva diatópica, as características lingüísticas ali estabelecidas desde o início da diferenciação no século XVI com as alterações que ocorreram em seguida. Se a diferenciação lingüística partisse do português europeu, então o português brasileiro se mostraria como conservador. Já se a novidade iniciasse no Brasil, o português brasileiro seria considerado como inovador. (p. 278).

Os traços conservadores e inovadores do PB provêm da variação linguística, comum a todas as línguas, podendo se manifestar de variadas formas. Destacam-se aqui as variações diacrônica e diatópica, por serem estas mais relevantes para o presente estudo.

Tânia Maria Alkmim (2011) considera as línguas como continuações históricas, e, assim, as variações no tempo (diacrônicas) constituem a história de qualquer língua. Sobre

essa variação, Ilari e Basso (2011) explicam que as línguas têm uma história externa, relacionada à evolução em suas funções sociais e em suas relações com dada comunidade linguística. Como fatos da história externa da língua portuguesa, podem-se apontar sua formação como língua românica e sua difusão pelas colônias portuguesas. A história interna da língua diz respeito às alterações em sua gramática: fonologia, morfologia e sintaxe. Os autores mencionam que a variação diacrônica não ocorre somente em espaços de séculos, podendo ser notada comparando-se o uso da língua por sujeitos de diferentes gerações.

Outra variação igualmente relevante para a análise de uma língua é a que se apresenta na dimensão geográfica, a variação diatópica, e ocorre quando uma língua é falada em diferentes países ou em regiões distintas de um mesmo país (ILARI; BASSO, 2011). É sob o viés diatópico que as variedades de português faladas na Europa, na Ásia, na África e no Brasil podem ser comparadas. Quanto às diferenças entre as variedades brasileira e europeia, os autores destacam as diferenças fonológicas, como a pronúncia do /R/ vibrante em PE, as diferenças lexicais, como “rapariga” e “moça”, e as diferenças sintáticas, como a questão das perífrases verbais com gerúndio e com infinitivo preposicionado.

Por meio de uma análise diatópica, é possível verificar as diferenças entre PB e PE, e um estudo diacrônico possibilita verificar quais aspectos da língua podem ser considerados conservadores e quais podem ser considerados inovadores.

Em geral, as diferenças na lusofonia são entendidas como desvios do PE (NOLL, 2008). Assim, a descrição da variedade brasileira parte do conceito de brasileirismo. Noll apresenta as definições de brasileirismo propostas por João Ribeiro, Celso Cunha e Antônio Houaiss⁴, defendendo que se considere também a dimensão diacrônica, em que um brasileirismo se definiria como uma estrutura “que está em contraste com o padrão historicamente referencial do português europeu e deve ser associado ao português brasileiro ou uma parte do seu território linguístico, seja quanto à origem, seja quanto ao uso.” (p. 42). Para Castilho (1999), algumas características apontadas como tipicamente brasileiras, quando reestudadas mais profundamente direcionaram para a interpretação de que se tratava de outros fenômenos.

⁴ Para João Ribeiro (1889, p. 74 apud NOLL, 2008, p. 42), trata-se de uma “expressão que damos a toda casta de divergências notadas entre a linguagem portuguesa vernacula e a falada geralmente no Brasil”. Celso Cunha (1987 apud NOLL, 2008, p. 42), embora tenha esclarecido a temática por diversos pontos de vista, não chegou a apresentar uma definição precisa e concisa para o termo. Houaiss (2001, s.v. apud NOLL, 2008, p. 42) afirma que tomando brasileirismo em sentido lato, este pode ser entendido como qualquer fato de linguagem pertencente aos aspectos fonético, morfológico, sintático, lexical, estilístico, próprio do português do Brasil. Interpretado do ponto de vista lexical, refere-se a palavra, locução ou aceção privativa do português do Brasil.

Sobre a perífrase verbal com gerúndio, Paul Teyssier (1997) afirma ser um brasileirismo.⁵ Como admitem Cunha (1986) e Noll (2008), a construção estar (andar etc.) seguida de gerúndio, frequente no PB, é a mais antiga no idioma e ainda hoje é usada em algumas regiões do Sul de Portugal, nos Açores e nos países africanos de língua oficial portuguesa. Estudos comparativos mostram que os portugueses começaram a usar a perífrase estar, andar etc. seguida de infinitivo entre os séculos XVIII e XIX, mas que seu uso teria se consolidado apenas na primeira metade do século XX. No século XIX, escritores portugueses como Eça de Queirós ainda faziam uso da perífrase verbal com gerúndio.

Sendo a perífrase com gerúndio a mais antiga na língua portuguesa, uma investigação sobre a origem do gerúndio torna-se pertinente e necessária à compreensão de seu uso no idioma. O gerúndio é uma das formas nominais do latim clássico, juntamente com infinitivo, gerundivo, particípio e supino, e essas formas poderiam desempenhar funções de verbos, nomes e adjetivos, ou ser usadas em construções com valor adverbial (SIMÕES, 2007).

Descrito pelas gramáticas como um substantivo verbal, o gerúndio latino, em sua forma finita, é flexionado como um neutro singular da segunda declinação nos casos oblíquos, a saber, genitivo (*Tempus studendi* – “O tempo de estudar”), dativo (*Aptus studendo* – “Apto para estudar”), acusativo (*Eo ad studendum* – “Vou estudar”) e ablativo (*Discitur studendo* – “Aprende-se estudando”). Já no nominativo (*Studere est utile* – “Estudar é útil”) e no acusativo (*Cupio studere* – “Desejo estudar”), o gerúndio não sofre flexão, mantendo-se no infinitivo nas construções em que a forma infinita é exigida. (cf. SIMÕES, 2007, p. 27).

Odette de Campos (1972) comenta que o gerúndio é uma forma particular do latim, quando comparada às formas como o gerundivo e o particípio presente, que embora mantenham certa semelhança, possuem uma amplitude maior em relação às funções que exprimem. O gerúndio e o gerundivo tinham por função completar a flexão do infinitivo, por este não possuir flexão própria e só ocorrer com valor nominal nos casos nominativo e acusativo. A diferença entre as formas é que enquanto o gerundivo ocorria apenas na presença de objeto direto, o gerúndio, a depender do caso, podia ocorrer com ou sem objeto direto.

O ablativo foi o caso do gerúndio de mais destaque no período arcaico do latim, sendo empregado com maior frequência que os demais desde o período mais remoto da língua. No período clássico, ele indicava o meio ou o instrumento com que se realizava a ação. As

⁵ O autor ainda frisa que esse é um brasileirismo pertencente à língua normal, no sentido de ser “correto”, em comparação com outros aspectos que pertencem a registros tidos como vulgares, sendo assim considerados “incorretos”. (cf. TEYSSIER, 1997, p. 105).

demais circunstâncias, como tempo, causa, concessão e modo, eram expressas pelo particípio presente, uma forma adjetiva do verbo, que se referia a um determinado termo da oração. Essa distinção entre o ablativo e o particípio presente, rígida no período clássico, foi desfazendo-se posteriormente, tornando-se comum o uso de uma forma pela outra. (CAMPOS, 1972).

De todos os casos de gerúndio do latim, apenas o ablativo se conservou nas línguas românicas, com maior flexibilidade do que no período clássico, por ter desenvolvido funções do particípio presente, explica Campos (1972), que enumera cinco tipos de gerúndio nas línguas românicas: o gerúndio circunstancial (de modo, tempo, causa, concessão, e eventualmente, de consequência e finalidade); o gerúndio adjetivo, com função adjetiva que era própria do particípio presente; o gerúndio coordenado a verbo, que altera a relação entre gerúndio e verbo ao se justapor ao verbo principal em vez de se subordinar a ele; o gerúndio equivalendo a um verbo no modo finito, com certa independência sintática, sem a necessidade de vir coordenado a outro verbo finito; e as perífrases com gerúndio.

Em relação a esse último tipo, Simões (2007) afirma que no período mais tardio do latim ressurgiram algumas perífrases formadas com o ablativo do gerúndio que exprimiam o aspecto durativo ou progressivo de uma ação em movimento. Othoniel Motta (1974 apud SIMÕES, 2007) comenta que a capacidade do gerúndio de formar perífrases foi herdada do particípio presente, que se ligava como atributo ao verbo “ser” e a outros verbos de ligação.

No que tange à questão da formação da perífrase verbal, e a consequente implicação da ideia de uma ação em desenvolvimento, convém adentrar noções relativas ao aspecto verbal.

Existem inúmeras definições para a categoria de aspecto verbal. Castilho (1968, p. 14) a definiu como “a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento. É a representação espacial do processo”. Garcia (1983, p. 65) descreve aspecto como “a representação mental que o sujeito falante faz do processo verbal como duração”. Costa (1997, p. 38) apresenta-o como uma “categoria linguística que marca a referência ou não à estrutura temporal interna de um fato”.

Para Wachowicz e Foltran (2006), a respeito do aspecto é possível referir diferentes fatos linguísticos que permitem dar sentido a uma sentença. Há o domínio do aspecto lexical e o domínio do aspecto gramatical, que frequentemente se confundem. O primeiro, que não se limita ao nível lexical e está em geral relacionado às classes aspectuais, diz respeito a “propriedades lexicais que ou são caracterizadas por uma morfologia derivacional ou não são lexicalmente caracterizadas” (p. 211). É nesse contexto que se insere a oposição télico *versus*

atético.⁶ Já o domínio do aspecto gramatical em algumas línguas é caracterizado por sua morfologia flexional, o que leva à distinção entre o perfectivo *versus* o imperfectivo.

Castilho (2014) resume a Aspectologia em três fases. Na primeira, léxico-semântica, as noções aspectuais são atribuídas ao sentido do verbo. Na segunda, semântico-sintática, estuda-se o aspecto como produto da combinação das classes aspectuais do verbo com a flexão e com os verbos auxiliares, além da combinação do verbo com seus argumentos e com os adjuntos adverbiais. Nessa fase o aspecto passa a ser considerado uma propriedade da predicação. Na terceira fase, discursiva, o foco da análise recai sobre as condições favoráveis para o surgimento de cada tipo de aspecto.

Por ser a categoria de tempo compreendida como uma propriedade da predicação, assim como a de aspecto, Castilho (2014), com base em Bühler (1934/1961), ao dividir os campos linguísticos em simbólico e dêitico, distingue essas categorias, associando o aspecto ao campo simbólico e o tempo ao campo dêitico. O autor afirma que o tempo só pode ser interpretado tomando-se como ponto de referência a posição do falante em relação ao enunciado. Além disso, o tempo está sujeito à noção de intervalo e duração entre um ponto e outro, o que não ocorre com o aspecto, que possui autonomia suficiente, não sujeito à noção de intervalo, uma vez que “o aspecto caracteriza o evento narrado sem envolver seus participantes e sem referência ao evento de fala. [...] O aspecto quantifica o evento narrado. O tempo caracteriza o evento narrado com referência ao evento de fala. [...]” (JAKOBSON, 1957 apud CASTILHO, 2014, p. 418). Nesse sentido, o tempo pressupõe o aspecto, mas o inverso não ocorre.

Costa (1997) também distingue as categorias de tempo e aspecto. De acordo com a autora, embora ambas as categorias tenham por base referencial o tempo físico, a distinção entre elas dá-se do ponto de vista semântico, a partir da concepção do que define como tempo interno, atribuído ao aspecto, que difere do tempo externo, atribuído à categoria de tempo. Dessa forma, as noções semânticas de tempo referem-se “à localização do fato enunciado relativamente ao momento da enunciação” (p. 19). As noções relacionadas ao aspecto são as de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim, que se referem “a maneira como o tempo decorrido dentro dos limites do fato é tratado.” (p. 19). Assim, a categoria de

⁶ Wachowicz e Foltran (2006, p. 217) explicam que ações atéticas “uma vez iniciadas, podem se desenrolar indefinidamente, pois a natureza dessas eventualidades não determina seu ponto final”. As ações téticas “se encaminham em direção a um ponto final, cujas propriedades são determinadas pela descrição do evento”. Castilho (1968, p. 55) explica que os verbos téticos possuem semantemas que exprimem uma ação tendente a um fim, sem o qual ela não se dá, como em “morrer”, “cair” etc. Há semantemas que expressam o processo em sua duração, dispensando-se um completamento, como em “andar”, “viver” etc. É o caso dos verbos atéticos.

tempo entende o fato como ponto distribuído na linha do tempo, ao passo que a categoria de aspecto trata o fato como se este pudesse conter frações de tempo dentro de seus limites.

Conforme Castilho (1968), a categoria de aspecto em português é assim classificada: quando a ação verbal indica uma duração, tem-se o aspecto imperfeito; quando indica uma ação cumprida, neste caso, com valor de completamento, contrária à noção de duração, tem-se o aspecto perfeito; o aspecto iterativo refere a ação verbal que se repete. O aspecto indeterminado refere a ausência de qualquer uma das categorias, seja de aspecto, seja de tempo, com valor neutro. Sobre a distinção entre perfeito e imperfeito, Costa (1997) considera este como o termo marcado semanticamente, enquanto aquele não é marcado. Essa definição se baseia na constatação de que o falante, durante um fato enunciado, pode ou não considerar a constituição temporal interna deste fato; enquanto o imperfeito expressa a temporalidade interna do fato enunciado, o perfeito não apresenta marca que a expresse.

Em obra mais recente, Castilho (2014) divide o aspecto em uma face qualitativa (aspectos imperfeito e perfeito), e uma face quantitativa (aspectos iterativo e semelfativo). O aspecto perfeito se subdivide em pontual, que é o perfeito por excelência ao indicar início e fim de uma ação, sem menção às fases do processo, e resultativo, que indica o consequente resultado de uma ação acabada. O aspecto iterativo indica a repetição tanto de ações durativas quanto de ações pontuais, representando uma quantificação do imperfeito e do perfeito. A distinção entre iterativo e semelfativo decorre da quantificação da ação durativa: a singular constitui o aspecto imperfeito semelfativo, enquanto a que se repete configura o iterativo imperfeito.

Conforme Castilho (2014), o valor durativo, próprio do imperfeito, inclui três subdivisões: o inceptivo expressa uma ação cujo início se destaca, podendo ser expresso por verbos como “começar” e “principiar”, auxiliares, seguidos pelo principal no infinitivo ou gerúndio. A segunda subdivisão é o cursivo, considerado o imperfeito por excelência, que apresenta o processo em seu desenvolvimento, ignorando seu início ou fim. A terceira subdivisão é o terminativo, que indica uma ação marcada pelo seu término, expresso por verbos auxiliares como “acabar” e “terminar”, seguidos do principal no infinitivo.

Em português, as perífrases verbais são o recurso mais produtivo para a expressão do aspecto (COSTA, 1997). Considerando que as perífrases que interessam a este estudo são as que expressam duração, se faz necessário explorar um pouco mais o imperfeito cursivo, principalmente no que tange às perífrases com gerúndio e com infinitivo preposicionado.

As perífrases que exprimem duração apresentam os verbos “ficar”, “continuar”, “seguir”, “estar”, “ir”, “vir” e “permanecer”, seguidos do verbo no infinitivo, antecedido da preposição “a”, ou seguidos de verbo no gerúndio. A perífrase formada por “estar” é considerada a mais versátil, pois pode indicar não apenas ação cursiva, mas também inceptiva, resultativa e cessativa. (CASTILHO, 1968).

Quando os verbos no gerúndio, indicadores de mudança de estado, expressam gradação do processo, as perífrases constituem um subtipo do imperfectivo cursivo, o cursivo progressivo. Em geral, são auxiliares os verbos “ir” e “vir”, e o verbo principal é semanticamente progressivo ou tem o sufixo *-ecer*, pois a noção de estado de mudança própria dos verbos incoativos já implica uma gradação. Há ainda perífrases em que a noção de progresso se dá pelo conjunto formado pelos verbos auxiliar e principal (CASTILHO, 1968). O autor ainda explica que o valor aspectual expresso pelas perífrases depende dos seus elementos componentes, podendo decorrer da natureza semântica do verbo auxiliar, do verbo principal ou do conjunto formado por eles, configurando dois casos distintos, conforme o semantema de ambos os verbos pertençam à mesma classe, originando um aspecto correspondente, ou os verbos sejam distintos semanticamente quanto ao aspecto produzido.

A duração expressa pela perífrase pode sofrer variação conforme o adjunto adverbial que a acompanha, prossegue Castilho (1968), explicando ainda que adjuntos adverbiais que denotam a extensão do tempo podem tornar durativos os verbos de tendência télica.

Sobre os verbos auxiliares, Wachowicz (2006) comenta que verbos tradicionalmente considerados auxiliares possuem traços aspectuais específicos. Os verbos auxiliares derivam dos verbos plenos pelo processo de gramaticalização. A autora destaca que nem todos os verbos podem assumir a posição de auxiliar porque em todos há traços semânticos que se mantêm desde a fase lexical até a gramatical, como os de duração e atelicidade, fenômeno conhecido como “persistência”. Em “estar” mais o gerúndio, ela explica que esse verbo, antes pleno, que significava “estar de pé”, perde esse significado, entrando em processo de gramaticalização e integrando perífrases. Ainda de acordo com a autora, o verbo “vir” parece ser o menos gramaticalizado, pois mantém significado referencial de localização espacial, mesmo nos casos em que há gerúndio, quando se intercalam termos locativos. A questão dos localizadores espaciais também pode ser aplicada em sentenças com o verbo “estar”, mantendo-se seu significado original. Nas sentenças em que há termos locativos, esses verbos, por estarem menos gramaticalizados, não apresentam comportamento de auxiliar.

Apresentado um breve panorama do que vem a ser a questão do aspecto verbal e sua categorização, convém ressaltar que as perífrases que interessam ao presente trabalho são as com gerúndio e com infinitivo preposicionado, quando elas realizam o aspecto imperfeito cursivo, que expressa as noções de duração, continuidade e progressividade, e, neste caso, apenas as construções permutáveis, do tipo “estou dançando” / “estou a dançar”.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A análise realizada apurou o uso e a frequência de perífrases com gerúndio e com infinitivo preposicionado em textos dos séculos XVI a XX, produzidos em Portugal, e dos séculos XVIII a XX, produzidos no Brasil, a fim de investigar pressupostos que sustentam a hipótese do conservadorismo, em relação aos traços tidos como inovadores e conservadores.

O *corpus* conta com 80 textos autênticos, não literários, neste estudo entendidos como textos ordinários, ou seja, do cotidiano. Entre os gêneros mais recorrentes estão o tratado, o decreto, o discurso, a carta e textos do gênero jornalístico, como a notícia, a reportagem e o editorial. Para cada um dos séculos supracitados foram selecionados dez textos produzidos em Portugal e dez textos produzidos no Brasil. Os textos foram retirados dos acervos digitais da Biblioteca Nacional de Portugal, da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, da Biblioteca Digital da Universidade do Porto, da Hemeroteca Municipal de Lisboa e do acervo digital do projeto Para Uma História do Português do Brasil (PHPB). Durante a seleção, não foram encontrados textos produzidos no Brasil entre os séculos XVI e XVII, que correspondessem aos requisitos anteriormente citados. Dentre os fatores que podem justificar a ausência de dados nesses dois séculos, cita-se o fato de que a chegada dos primeiros colonos no Brasil deu-se apenas em meados de 1530, e a implantação da língua portuguesa no país, considerando extensão territorial e a concorrência com as demais línguas já faladas aqui, levou alguns séculos até ganhar território e abrangência. (CASTILHO; ELIAS, 2012).

Os excertos dos textos utilizados nesta análise reproduzem fielmente o que foi encontrado nos acervos das bibliotecas, o que justifica, em alguns casos, a falta de elementos identificadores de suas referências. Dos 80 textos selecionados para a pesquisa (totalizando 956 páginas), 47 apresentaram ocorrências, sendo 22 produzidos no Brasil e 25 produzidos em Portugal. Quanto ao número de ocorrências, foram 129 em textos em PB e 69 em textos em PE, apesar de o período investigado em Portugal ter sido maior.

Para melhor expor os resultados obtidos, optou-se por segmentar a análise em três seções: na primeira, analisa-se a frequência de ambas as perífrases por século e por variedade geográfica do português; na segunda, analisam-se os verbos auxiliares usados em ambas as perífrases; por fim, o foco se volta para a variedade brasileira, de maneira a identificar aspectos inovadores do português no Brasil durante o período investigado.

Tabela 1 – As ocorrências: Português Europeu (PE) versus Português Brasileiro (PB)

Séculos	PE			PB		
	Ocorrências	Gerúndio	Infinitivo	Ocorrências	Gerúndio	Infinitivo
XVI	8 (4 textos)	8	-	-	-	-
XVII	14 (5 textos)	14	-	-	-	-
XVIII	12 (5 textos)	12	-	7 (4 textos)	7	-
XIX	25 (6 textos)	17	8	39 (9 textos)	36	3
XX	10 (5 textos)	4	6	83 (9 textos)	80	3
TOTAL	69 (25 textos)	55	14	129 (22 textos)	123	6

Fonte: Elaborada pela autora.

Dos 50 textos em PE selecionados, 25 apresentaram ocorrências, totalizando 69. Desse número, 14 são perífrases com infinitivo preposicionado, encontradas em textos dos séculos XIX e XX. Esse resultado confirma a tese já exposta neste trabalho, segundo a qual o uso da perífrase com gerúndio se verifica desde o Português Arcaico, e a perífrase com infinitivo preposicionado começou a ser usada entre o final do século XVIII e o início do XIX.

Percebeu-se ainda que nos textos desses séculos em que foram encontradas as perífrases com infinitivo preposicionado também ocorreram as perífrases com gerúndio, o que parece evidenciar o período de transição no uso dessas perífrases, que surgem como formas concorrentes. Isso pode ser verificado nos excertos a seguir, retirados de um texto de 1858.

[...] pedi a Deos que vos não deixe cahir em tentação, e armai-vos de fortaleza contra esses diabos tentadores, que por ahi andam a fazer conlôios, a concertar transacções facciosas, a passar listas, e ganhar votos de eleitores, enganando a uns com promessas, intimidando outros com ameaças, [...] (p. 8.).

Algumas páginas à frente, encontra-se o uso da perífrase com gerúndio.

[...] pavoneando-se a fallar de si, e das suas cousas, como se nada houvesse mais bello; sem se lembrarem de que alli estam fazendo despesas á Nação [...] (p. 23).

Tanto as perífrases com infinitivo como as perífrases com gerúndio ocorreram em maior número nos textos do século XIX, no qual o uso da perífrase com infinitivo estava se

estabelecendo. A diminuição do número de perífrases com gerúndio nos textos do século XX e a ocorrência de perífrases com infinitivo em todos os textos investigados do período confirmam a progressiva substituição de uma perífrase por outra.

Também no PB foram encontradas ocorrências de perífrase com infinitivo preposicionado; de um total de 129 perífrases, seis são de infinitivo preposicionado, divididas igualmente em dois textos do século XIX e um texto do século XX. Nos textos do século XX foram encontradas ambas as perífrases, o que leva a uma reflexão acerca das mudanças por que estava passando a variedade europeia e sua influência no Português Brasileiro da época.

Em relação às ocorrências da perífrase com gerúndio, percebeu-se um aumento progressivo, assim como no número de textos que apresentaram as ocorrências. Nos séculos XIX e XX, esse número empatou, no entanto, as ocorrências encontradas nos textos do século XX somam mais que o dobro daquelas encontradas nos textos do século anterior.

De maneira geral, o que os dados encontrados nos permitem observar é que, considerando o número de ocorrências, tanto em PE quanto em PB, o uso de perífrases, seja com gerúndio seja com infinitivo preposicionado, foi consideravelmente menor em Português Europeu, o que leva a pensar que seu uso seja mais comum no Brasil que em Portugal.

Tabela 2 – As ocorrências: Os verbos auxiliares

	PE XVI	PE XVII	PE/PB XVIII	PE/PB XIX	PE/PB XX	TOTAL
achar	-	-	-/1	2/-	1/-	4
andar	2	-	2/1	10/-	1/-	16
continuar	-	-	-	-/1	1/2	4
estar	-	10	3/-	10/15	2/51	92
ficar	-	-	1/-	-/1	1/2	5
ir	6	3	5/5	3/21	3/11	57
vir	-	1	1/-	-	1/17	20
viver	-	-	-	-/1	-	1
TOTAL	8	14	12/7	25/39	10/83	

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 3 – As ocorrências: Gerúndio (G) versus Infinitivo (I)

	G/I	G/I	G/I	G/I
	XIX (PE)	XIX (PB)	XX (PE)	XX (PB)
achar	2/-	-/-	1/-	-/-
andar	2/8	-/-	-/1	-/-
continuar	-/-	1/-	-/1	2/-
estar	10/-	13/2	-/2	48/3
ficar	-/-	1/-	-/1	2/-
ir	3/-	20/1	3/-	11/-
vir	-/-	-/-	-/1	17/-
viver	-/-	1/-	-/-	-/-
TOTAL	17/8	36/3	4/6	80/3

Fonte: Elaborada pela autora.

Nos casos em que o verbo auxiliar se distribuiu para mais de um verbo principal, a contabilidade foi feita sobre os verbos principais. Foi o caso dos excertos a seguir, retirados de textos produzidos em Portugal, nos anos de 1655 e 1858, respectivamente:

[...] Que dirá quem souber, que no mesmo tempo em q nestes Altos, & Poderosos Estados, se estavão fazendo mimos, & bãquetes ao Embaixador de S. Magestade [...] & restituição à Coroa, que a tirania de Castella lhe usurpado, estava Pê de Pao vassallos de Vossos Altos Poderes, infestando, combatendo, & conquistando as praças [...].

[...] obstar às traficancias dos agentes, que por ahi andam a inculcar serviços, e merecimentos dos candidatos da sua cavadeira, a levantar calumnias contra os outros, a desvairar as opiniões, a viciar as actas, e a falsificar a representação nacional. [...].

Nos textos produzidos em Portugal encontraram-se seis casos semelhantes aos acima, contra três ocorrências nos textos produzidos no Brasil. Dos casos encontrados em PE, duas foram construções da perífrase com infinitivo, tendo como auxiliar o verbo “andar”.

Os verbos auxiliares mais utilizados foram “estar” e “ir”, o primeiro em número de ocorrências, e o segundo por ser recorrente em todos os séculos, tanto em PE quanto em PB. O verbo “estar” foi o mais recorrente na perífrase com gerúndio; foram 48 ocorrências no século XX, em textos produzidos no Brasil. Já o verbo com maior número de ocorrências em perífrase com infinitivo preposicionado foi o verbo “andar”, com oito ocorrências no século XIX, em textos produzidos em Portugal. O verbo de menor frequência foi “viver”, com uma ocorrência em perífrase com gerúndio, em um texto produzido no Brasil no século XIX.

Algumas ocorrências configuram construções interessantes, como os excertos a seguir, retirados de dois textos produzidos em Portugal, nos anos de 1904 e 1915, respectivamente:

[...] fazendo a Companhia do Gaz voltar ao preço do contracto, que só temporariamente foi augmentado por circumstancias que ha muito desapareceram, estando assim a cidade a pagar o gaz muito mais caro do que deve!

Estando a expirar o praso para a apresentação das candidaturas [...].

Em ambos os casos, o gerúndio do verbo auxiliar parece favorecer o uso do infinitivo antecedido de preposição, de maneira a evitar as construções “estando pagando” e “estando expirando”, que, apesar de manterem o mesmo sentido, soariam estranhas. O estranhamento parece menor no próximo excerto, produzido também em Portugal, no ano de 1739:

[...] sendo amoestado, que dicesse a verdade, confessou judicialmente que achando-se no lugar de Odivelas em hum Domingo, que se contavaõ 10 de Mayo, estando vendo jugar huns homens do mesmo lugar de Odivelas [...].

Em relação ao aspecto verbal expresso pelas perífrases, verificou-se o uso de alguns advérbios e expressões, de maneira a variar (ampliando ou restringindo) a duração já expressa pelo semantema do verbo. Dentre os advérbios, o mais recorrente foi “sempre”, com três ocorrências. No excerto a seguir, de um texto publicado em Portugal em 1809, é possível observar como o advérbio intensifica a noção de continuidade da ação verbal:

Devo advertir-vos, que eu andava sempre espreitando, e ouvindo; porém fingia não entender as suas algazarras [...].

Em uma das ocorrências, percebeu-se que o uso de determinados advérbios não apenas reforça como também amplia o caráter da ação verbal. É o caso do advérbio “enquanto”, no excerto retirado de um texto publicado no Brasil, em 1928, que, além de reforçar a duração da ação, também atribuiu a esta a noção de simultaneidade em relação a outra ação:

Emquanto a galinha está a cozer, rala-se o côco, retira-se o leite grosso com muito pouca agua () e reserva-se. [...].*

Em outro excerto do mesmo texto, há também um exemplo com o advérbio “até”, cuja presença na sentença marca bem o aspecto durativo da ação verbal:

[...] Finalmente, adiciona-se a gomma aos bocados e vai-se revolvendo com uma colher até formar uma pasta espêssa, [...].

De função semelhante a do advérbio “até”, o “ainda” também marca a noção de duração da perífrase verbal, expressa pelo semantema do verbo “continuar”. O excerto a seguir foi retirado de um texto publicado no Brasil, em 1993:

As Guias para Gestantes e Dentistas ainda continuam sendo distribuídas no prédio do INAMPS [...].

Como mencionado anteriormente, além dos advérbios, há determinadas expressões que também funcionam como intensificadores para as noções referentes ao aspecto cursivo progressivo. Em geral, as perífrases que melhor exprimem esse aspecto são formadas pelos verbos auxiliares “ir” e “vir”. O que se observa neste excerto, de um texto publicado no Brasil, em 1921, é que o uso da expressão “de geração em geração”, reforça a ideia de progressão de ambas as ações verbais.

Interpreto perante V. Ex., Supremo Magistrado da Nação, um sentimento que está apaixonando toda a população santista. [...] joia doada pela natureza, e que a nossa cidade vem, de geração em geração, gosando largamente e conservando com carinho.

Em relação aos verbos “ir” e “vir”, percebe-se que seu uso foi mais recorrente em perífrases com gerúndio, tanto em PE quanto em PB. Foram 20 ocorrências com o verbo “vir”, das quais 17 ocorreram em textos produzidos no Brasil no século XX e três em textos produzidos em Portugal, nos séculos XVII, XVIII e XX. Nos textos em PE houve duas ocorrências de perífrase com gerúndio e uma com infinitivo, esta última em um texto de 1930:

[...] desde quando as Milicias Comarcãs ou Municipais evidenciam a sua preponderância, distinguindo-se designadamente nas batalhas das Navas de Tolosa e de Aljubarota, onde já revela vir a constituir a Arma Principal dos Exércitos.

Com o verbo “ir” contaram-se 57 ocorrências, sendo 37 em textos produzidos no Brasil e 20 em textos produzidos em Portugal. Houve apenas uma ocorrência na perífrase com infinitivo, em um texto produzido em 1823 no Brasil, cujo excerto está reproduzido abaixo. Ilari e Basso (2011) comentam que a chegada da corte portuguesa ao Brasil no início do século XIX foi um fato sócio-histórico que pode ter gerado reflexos e influenciado a estrutura linguística do PB nessa época. Assim, a ocorrência de perífrase com infinitivo em textos produzidos no Brasil pode constituir um sinal dessa influência.

Dias felises, serenós, e iguaes aos que vio a alsiva Roma nos de Antonino, Tito, Vespasiano, e Marco Aurelio, vam a despoutar: o fertil e pingue Brasil he ja hoje Nassam livre, e da primeira ordem [...].

A análise desses dados leva a refletir se há alguma restrição quanto aos verbos principais usados nas perífrases com infinitivo preposicionado com os verbos auxiliares “ir” e “vir” para a expressão do aspecto verbal cursivo progressivo, e nesse caso, se o uso da perífrase com gerúndio é mais adequado, pois há construções perifrásticas de infinitivo com os verbos “ir” e “vir” que não exprimem esse aspecto verbal, como em “Talvez que os tipos não se importem de nos dar comida se a lá formos pedir, afinal se falta para nós também há-de

vir a faltar para eles.” (SARAMAGO, 2014, p. 224), em que “há-de vir” corresponde a “virá”, atribuindo ao verbo principal “faltar” o sentido de futuro, não configurando o aspecto cursivo.

Até aqui, nesta análise têm sido consideradas todas as ocorrências, com o propósito de contrastar o Português Europeu e o Brasileiro, quanto à frequência de perífrases com gerúndio e com infinitivo preposicionado, encontradas a partir do *corpus* deste trabalho.

A fim de identificar também aspectos inovadores na variedade brasileira do português, serão analisadas, por um viés diacrônico, as ocorrências produzidas no Brasil, observando-se a organização dessas perífrases, nos casos em que há pronomes e advérbios próximos a elas.

Em relação aos pronomes, Noll (2008) comenta que nas perífrases com gerúndio no PB, os pronomes oblíquos átonos vêm antes do verbo principal. Os dados analisados mostram que a posição dos pronomes, em geral os oblíquos átonos, se alterou ao longo do tempo. Observou-se que a posição anterior ao verbo auxiliar foi a mais recorrente nos séculos XVIII e XIX, enquanto que no século XX, foram encontrados mais casos com o pronome posicionado antes do verbo principal. Os dados permitem sugerir tal ponto como um aspecto inovador dentro do PB, considerando que este é o uso recorrente nos dias de hoje.

Nos textos dos séculos XVIII e XIX, observa-se a posição do pronome antes do verbo auxiliar:

[...] e nam pode faltar nellas ouro, salvo por decreto absoluto de Deoz | que naturalmente, he impocivel, adminuissão no ouro, porque são | muitas legoas de terra essas de ouro e inda senão tem lavrado hua, | nem penetrado a terra, e só, se anda arranhando por riba da terra, em | huns buracos taez que, he couza redicula [revertas], isso Senhor.[...]. (1720)

[...] o que fez foi procurar adouz da Sua parSelidade antiga, e Se posera no pátio de São Bento, a espera do dito escrivão, que Se achava ouvindo misa, no mesmo Convento, para em Sahindo lhe dar muita pancada, o que o faria Senão ouve Se quem a Cudise, [...].(1769)

Não me demore mais por que tendo acabado de padecer huma forte enflamação nos queixos em que reciei perder os dentes de diente do queixo em frior me sinto inda encomodáda, e a aplicação me vai fazendo má.[...]. (1800).

A civilização que se vai introduzindo na Costa dAfrica, o empenho de quasi todas as nações em findar este commercio horrivel [...].(1826).

[...] ou mesmo pessoas de fora com tanto que não dê apoio aos facinoras e nem se ligue aos nossos oppositores, por que como a guerra que se lhes está fazendo he grande e Vieira fraco, seria mais conveniente que voce em Janeiro ou Fevereiro pedisse a sua dimissão [...]. (1835).

[...] e convira plantar as mudas no mesmo dia em que fôrem arrancadas: hum servente conduz as mudas e as vai pondo nas cóvas; outro o vai seguindo e cobrindo com a terra, que sahio da mesma cova, as suas raizes [...]. (1836).

Este livro, que se está imprimindo nas oifficinas d'A Semana, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. (1885).

Nos textos do século XX, observa-se a colocação do pronome antes do verbo principal como a mais recorrente:

Depois de bem aquecida uma frigideira de barro, ahi se derrama certa quantidade de azeite de cheiro, (azeite de dendê), e, com a colher de madeira vão-se deitando pequenos nacos da massa, e com um ponteiro ou garfo são rolados na frigideira até cozer a massa.[...] (1928).

"Elza Soares, a linda loura, miss Escola Rivadavia Correa, faz uma pausa. Está se lembrando daquelle jogo, tão triste para ella, [...].(1938).

O Globo Sportivo está me perguntando como eu torço. [...]. (1938).

Já assim vêm-se fazendo na Bélgica, através dos professores Carbonell e Zwanck [...]. (1948).

[...] Ainda dentro dos trabalhos da Superintendência de Água e Esgoto, está-se procedendo as limpezas e reformas de todas as baterias de poços artesianos [...] Também o trabalho preventivo de revisão e limpeza está sendo realizado nos poços semi-artesianos existentes [...]. (1993).

Quanto à posição dos advérbios, verificou-se que, diferentemente do que se observou com os pronomes, não houve recorrência significativa de uma posição em nenhum dos três séculos. No caso, o que se notou foi certa alternância entre a posição dos advérbios em relação às perífrases, podendo estar antes do verbo auxiliar, antes do verbo principal ou depois deste, o que dificulta o estabelecimento de algum tipo de hipótese sobre essa questão.

O heróe está firme nesta industria como uma rocha: porque conhece, quanto é ella innocente: e assim vai vivendo com o suor do seo rosto de árceria com um socio da Parahiba, que é um sub delegado Vanderley. E que beneficios naõ está fazendo esse fidalgo á Provincia!!

O tal Vieira Ministro tem querido dar satisfações; tem dito que foi illudido pelo Vital; mas he por que vai ja sendo cassado pellos Holandezes.[...].

[...] A lei está sendo agora executada calmamente, sem atritos nem protestos."

A fim de demonstrar melhor esse ponto como um aspecto “inovador” do PB, será analisada também a posição dos pronomes e advérbios nas ocorrências encontradas no PE.

Analisando a posição do pronome no entorno das perífrases, verificou-se que os casos em ele está posicionado antes do verbo auxiliar foram mais recorrentes nos séculos XVII, XVIII e XIX, que os casos em que o pronome aparece antes do verbo principal foram mais frequentes nos séculos XVIII e XX, e que o único caso de pronome posicionado após o verbo

principal foi encontrado em um texto do século XIX. Além disso, não foram encontradas ocorrências de perífrase com infinitivo preposicionado acompanhada de pronomes.

Excertos em que o pronome encontra-se posicionado antes do verbo auxiliar:

[...] que aquellas pessoas que por nossa liçça podem trautar na india: por laa nos andarem servindo: e aque temos dados lugar que possam trazer pera estes reynos algũas mercadorias: daquellas em que laa podẽ tratar: nã possam trazer quãdo vierem: nẽ mãdar em cada viagẽ: em quãto laa nos andarẽ servindo: mais de huã quintelada de Beijoim [...] (1520).

Outrosi por atalhar os excessos que se vaõ introduzindo, pondo coroneis nos escudos de Armas, & sinetes, & Reposteiros as pessoas [...] (1597).

[...] porem os nossos lhe prẽderam junto á villa da duas Igrejas (por donde o comboio havia de passar) huma hespia que lhe havia dado o aluitre & lhes vinha ensinando o caminho [...] (1641).

[...] & mares de Portugal, & delles aonde conviesse pera infestar, & desbaratar ao inimigo commum, se estavam tacitamente prevenindo vinte & duas Naos no rio de Pernambuco para com ellas sahir Pè de Pão a combater [...] (1655).

Com estas, e outras fanfarronadas nos forão arrastando até Valhadolid, ainda que não a todos, porque muitos de melhor juizo do que elles souberão escapar-se antes de lá chegarmos [...] (1809).

[...] por tal sinal eu o ouvi ler em um charamba ao Padre Vigário da nossa Freguezia, e quando o estava lendo parava de padoço a padoço, tomava a sua pitada e dizia [...] (1835).

Excertos em que o pronome encontra-se posicionado antes do verbo principal:

[...] Manoel de Passos esse mesmo, de que fallámos no paragrafo paredes meas perto, conjunto, proximo, e vizinho, entre confuso, e picado, estã-se declarando por instantes com os Fleumaticos Academicos. [...] (1731).

Agradeço-lhe muito os Avisos, e Conselhos, que me mandou, que em parte me tem aliviado, ainda que não de todo: mas vou-me conformando com a vontade de Deos, e pedindo á Virgem Senhora d Piedade (como V.M. me recommenda) me dê paciencia para viver com socego com seu Compadre [...] (1769).

A 3ª e a 4ª Companhia achavam-se guarnecendo a linha A [...] (1930).

[...] É certo que pelos anos adiante, pelos séculos, vã-se deformando uns valores; assimilam-se, adaptam-se, desenvolvem-se, outros. [...] (1947).

Na única construção em que um pronome encontra-se posicionado após o verbo principal, observa-se a presença de outro, posicionado antes do auxiliar:

Disse-me tambem o bom homem, que Saragoça estava levantada, e então me lembrei dos discursos de Pamplona, e que muitos Francezes se achavão sitiando-a, tendo consigo hum

consideravel número de Portuguezes, muito boa tropa, e que era lastima ver que os Saragoçanos se havião de deffender até morrer. (1809).

Sobre a posição dos advérbio no entorno de perífrases no PE, apesar da recorrência pouco significativa, a posição anterior ao verbo principal foi a única que ocorreu em textos dos cinco séculos. Assim como em PB, notou-se certa alternância de posições, com o advérbio colocado antes do verbo auxiliar, antes do verbo principal ou depois dele.

[...] faz tambem o circuito grande com os meridianos angulos yguais : mas no processo do caminho sempre vam sendo desiguais [...]. (1537).

[...] o que verdadeiramente nam pode ser pello que dito tenho: e vam sempre forçando a agulha: e enclinandoa pera que faça o mesmo angulo com a linha de norte sul. [...]. (1537).

[...] Nam me nos maltratava ao inimigo a nossa mosquetaria, que dos aproxes estava continuamente disparando contra os inimigos de pertubação da muita artilharia [...]. (1654).

[...] se sahira pela porta principal da Igreja, tirando-lhe a tranca, e fecho com que sómente se fechava por dentro, deixando a Igreja com todas as mais indecias contadas no auto, e por vir já amanhecendo, e sentir gente pela estrada, escondera a trouxa [...]. (1739).

Devo advertir-vos, que eu andava sempre espreitando, e ouvindo; porém fingia não entender as suas algazarras [...]. (1809).

[...] fazendo a Companhia do Gaz voltar ao preço do contracto, que só temporariamente foi augmentado por circumstancias que ha muito desapareceram, estando assim a cidade a pagar o gaz muito mais caro do que deve! (1904).

*[...] Os segundos são os que estão, como os cataventos, à espera dos últimos ventos, ou os que apenas têm por bem o que vai chegando lá de fora, os despaisados de Fialho, ou *déracinés de Barrés.* [...]. (1947).*

Não se encontrou advérbio colocado antes do verbo auxiliar nos textos dos séculos XVIII e XX; em um texto do século XIX observaram-se três ocorrências de advérbio antecedendo o verbo auxiliar, duas delas em perífrases com infinitivo preposicionado.

[...] pedi a Deos que vos não deixe cahir em tentação, e armai-vos de fortaleza contra esses diabos tentadores, que por ahi andam a fazer conlôios, a concertar transacções facciosas, a passar listas, e ganhar votos de eleitores, enganando a uns com promessas, intimidando outros com ameaças, [...]. (1858).

[...] que o Governo tem a obrigação de assegurar aos eleitores o campo livre, procurar a exactidão dos recenseamentos e a legalidade das operações eleitoraes; obstar às traficancias dos agentes, que por ahi andam a inculcar serviços, e merecimentos dos candidatos da sua cavadeira, a

levantar calumnias contra os outros, a desvairar as opiniões, a viciar as actas, e a falsificar a representação nacional. [...]. (1858).

[...] pavoneando-se a fallar de si, e das suas cousas, como se nada houvesse mais bello; sem se lembrarem de que alli estam fazendo despezas á Nação [...]. (1858).

Sobre as ocorrências acima, convém comentar o sentido que as construções com advérbios locativos podem assumir. No fragmento retirado do excerto acima, “*que por ahi andam a inculcar serviços*”, a locução adverbial “por aí” impossibilita interpretar “andar” como verbo auxiliar. Isso acontece porque durante o processo de gramaticalização, alguns verbos ainda mantêm traços semânticos dos verbos plenos, e em casos como esse, a presença de advérbios locativos vem a evidenciar tais traços. (cf. WACHOWICZ, 2006).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por propósito investigar, com base nos pressupostos teóricos da hipótese conservadora, o uso das perífrases verbais com gerúndio e com infinitivo preposicionado no PB e no PE, observando suas ocorrências e frequências, de maneira a argumentar sobre a afirmação de que o uso da perífrase com gerúndio é uma herança do Português Arcaico que permaneceu no PB, mantendo-se até hoje. Para isso, foi realizada a análise quantitativa e qualitativa de ocorrências coletadas de textos produzidos no Brasil entre os séculos XVIII e XX, e em Portugal, entre os séculos XVI e XX.

A partir da análise dos dados obtidos, foi possível observar que as perífrases com gerúndio foram as mais recorrentes, tanto em PB quanto em PE, e que as ocorrências de perífrase com infinitivo preposicionado foram encontradas apenas em textos dos séculos XIX e XX, confirmando o que postulam os defensores da hipótese conservadora quando afirmam que a perífrase com gerúndio é a mais antiga na língua, sendo usada desde o Português Arcaico. Assim sendo, por este viés, foi Portugal que inovou, passando a usar a perífrase com infinitivo no fim do século XVIII e início do século XIX, como já afirmavam Cunha (1986) e Noll (2008). Os dados ainda mostraram que o uso de perífrases parece ser mais comum no Português Brasileiro que no Português Europeu.

Verificou-se também que alguns textos produzidos no Brasil apresentaram ocorrências de perífrase com infinitivo em um número não significativo. Entretanto, essa observação possibilita refletir acerca das transformações na língua, isto é, leva a refletir sobre como as mudanças que estavam ocorrendo no Português Europeu puderam influenciar a variedade brasileira nos séculos XIX e XX.

Em relação às transformações do PB, analisou-se a organização das perífrases quando elas apresentavam pronomes ou advérbios próximos. Os dados mostraram que houve alterações, pois nos textos dos séculos XVIII e XIX constatou-se o posicionamento dos pronomes átonos antes do verbo auxiliar, ao passo que nos textos do século XX, os pronomes passaram a ficar antes do verbo principal. Essa mudança de posição, que pôde ser observada, está de acordo com os postulados de Noll (2008), que, ao se referir ao Português Brasileiro em relação às perífrases, menciona que essa é a posição que os pronomes átonos ocupam.

Estudos que privilegiem a análise de documentos são sempre muito relevantes para a investigação linguística. Neste trabalho se propôs investigar de maneira a comprovar um aspecto com base em postulados teóricos, tendo-se conseguido comprovar a hipótese. Assim, ao longo deste percurso, privilegiou-se a investigação, o estudo e a análise de documentos. No entanto, por questões de extensão, objetivos e até mesmo de tempo, optou-se pela análise de um único aspecto da hipótese conservadora, tendo como suporte postulados teóricos, a fim de verificar a pertinência dos comentários e sua aplicabilidade a documentos autênticos.

Ao estudarmos os paradigmas de transformação e evolução de uma língua, verificamos que o estudo de textos autênticos de diferentes épocas e períodos possibilita materializar contribuições relevantes aos estudos linguísticos. Dessa forma, acredita-se que este trabalho possa ser posteriormente ampliado, e uma das possibilidades seria ampliar o *corpus* selecionado, o que, conseqüentemente, ampliaria a quantidade de dados coletados, permitindo verificar com maior abrangência os resultados aqui obtidos, bem como encontrar novos aspectos a serem observados dentro do tema das perífrases ou, quem sabe ainda, outras questões que tangenciam a hipótese conservadora da formação do PB aqui apresentada.

Desta forma, este trabalho se propõe a ser apenas o começo de um longo trajeto ainda a ser percorrido. Longe de fechar questões ou de encontrar a verdade sobre algum fato, ele objetiva ser, antes de tudo, um instrumento que visa promover a discussão e o debate de ideias, colaborando, assim, para os estudos linguísticos de uma forma geral.

5 REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia M. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. (Org.). *Introdução à linguística 1*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 21-47.

BIBLIOTECA Brasileira Guita e José Mindlin. Acervo digital. São Paulo. Acervo disponível em: <<https://www.bbm.usp.br/consulta-ao-acervo>>. Último acesso em: 11 out. 2016.

BIBLIOTECA da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Biblioteca digital. Porto. Acervo disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/>>. Último acesso em: 11 out. 2016.

BIBLIOTECA Nacional de Portugal. Biblioteca Nacional Digital. Lisboa. Acervo disponível em: <<http://purl.pt/index/geral/PT/index.html>>. Último acesso em: 11 out. 2016.

CAMPOS, Odette A. de Souza. O gerúndio românico - Estudo histórico-descritivo. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, UNESP, v. 18, p. 383- 402, 1972. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3521/3294>>. Último acesso em: 17 set. 2016.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa*. Tese de doutorado. USP. Marília, 1968. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3311/3038>>. Último acesso em: 25 abr. 2016.

_____. O Português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 237-269.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de; ELIAS, Vanda Maria. *Pequena gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Sônia Bastos Borba. *O aspecto em português*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997. (Série Repensando a Língua Portuguesa).

CUNHA, Celso. Conservação e Inovação no Português do Brasil. *O eixo e a roda*. Revista de Literatura Brasileira, Belo Horizonte, UFMG. v. 5, p. 199-230, 1986. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/viewFile/4218/4064>. Último acesso em: 28 abr. 2016.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. 2. ed. 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2011.

GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 11. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1983.

HEMEROTECA Municipal de Lisboa. Hemeroteca Digital. Lisboa. Acervo disponível em: <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>>. Último acesso em: 11 out. 2016.

NOLL, Volker. *O Português Brasileiro*. Tradução de Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2008.

QUERIQUELLI, Luiz Henrique Milani. O conservadorismo do PB e o ensino de latim: possíveis implicações. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2., 2012, Uberlândia. *Anais...* v. 2, n. 1, Uberlândia: EDUFU, 2012.

Disponível em:

<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wpcontent/uploads/2014/07/volume_2_artigo_189.pdf>
. Último acesso em: 25 abr. 2016.

SARAMAGO, José. Ensaio sobre a cegueira. In: _____. *Obras completas 2*. São Paulo: Companhia da Letras, 2014, p. 9-369.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1977.

SIMÕES, José da Silva. *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro*. Tese de Doutorado. USP. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-04102007-140928/pt-br.php>>. Último acesso em: 16 set. 2016.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

UNIVERSIDADE Federal do Rio de Janeiro. Para uma história do Português do Brasil - RJ. Integrado ao projeto nacional Para a História do Português Brasileiro. UFRJ: Departamento de Letras Vernáculas, 1998 -atual. Acervo disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/phpbr-rj/index.htm>>. Último acesso em: 17 out. 2016.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. O aspecto do auxiliar. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, UFMG, v. 14, n. 2, p. 55-75, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.lettras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2423/2377>>. Último acesso em: 10 jul. 2016.

WACHOWICZ, Teresa Cristina; FOLTRAN, Maria José. Sobre a noção de aspecto. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, UNICAMP, n. 2, p. 211-232, 2006. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1557/1129>>. Último acesso em: 30 jul. 2016.